



## FLASHES COLHIDOS EM NOSSA MEMÓRIA

J. R. de Miranda Carvalho

*Cel. Art. R/1, ex-Instrutor da ECEME.*

**T**rinta e cinco anos depois... estamos a escrever, a pedido de um companheiro, "alguma coisa sobre nossa experiência na FEB". Não poderíamos nos furtar à solicitação, em atenção, inclusive, aos companheiros que conosco viveram essa experiência memorável e aos que hoje pesquisam os ensinamentos do passado, fonte perene de luz apta a guiar os acertos do futuro.

Perdoem-nos se focalizamos mais os erros vividos — que são órfãos — pois os sucessos já são muito divulgados: a eles nunca faltam progenitores... E, não há dúvida, os erros ensinam muito mais que os acertos.

Passemos, então, a relembrar alguns episódios de modo singelo e, a não ser excepcionalmente, sem nomear os personagens que, para nós, são todos homônimos: "Brasileiro na Campanha da Itália".

Recebida a missão, a partir de agosto de 1943, os responsáveis pela organização da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária se atiravam, com orgulho, amor e zelo à consecução da sua tarefa. Mas, apesar da exiguidade do objetivo previsto (não mais de 25.000 homens), começaram a defrontar obstáculos quase insuperáveis:

— Tinham de criar a Divisão praticamente do nada, apesar do Brasil já estar em guerra desde agosto de 1942: recebiam unidades incompletas, sediadas distantes umas das outras, desconhecedoras do material e da técnica com que deveriam operar;

— Quanto ao material, nunca dele se dispôs em quantidades suficientes durante o preparo para a guerra e, quanto ao pessoal, realmente se viveu um drama kafkiano, ininteligível. Salvo honrosas exceções, as unidades, designadas para ceder

pessoal, aproveitavam a oportunidade para fazer um expurgo interno e mandavam para a FEB seus elementos deficientes: os "maus elementos", os fisicamente incapazes, os falhos de instrução, em suma, os indesejáveis. Isto no início, durante e depois, a ponto de, no final da campanha, ainda chegarem homens que nunca haviam pegado em um fuzil para "tripular" um "faz-hole", cara a cara com o inimigo, ou para participar de um ataque a uma posição fortificada...

— Além disso, muita gente que engrossara e incentivara os comícios e passeatas pró-guerra, na hora em que se defrontou com a perspectiva de ir para a luta, tratou de recorrer a expedientes, tais como uma blenorragia providencial ou um milagroso "pistolão". Cabe aqui, no entanto, recordar as exceções reconfortantes daqueles que, cheios de influências poderosas, delas se valeram, ao contrário, para participar voluntariamente da FEB.

Os obstáculos foram transpostos. O Comando organizou tudo da melhor forma possível, mediante esforços infinitamente superiores ao que era lícito esperar, pois se tratava, tão só, de formar uma Divisão num país de 40 milhões de habitantes. Pouco conseguiu no tocante à recomendável convivência das unidades destinadas a formar os "Combat-Teams". Só após o embarque, isso pôde ser concretizado.

É inacreditável, mas eis, em pálidos tons, o que enfrentaram os que se dedicaram à honrosa tarefa de selecionar e preparar nossos homens para a guerra.

Não seria de espantar uma oficialidade (formada à sombra da doutrina francesa) ver com inquietação os companheiros que voltavam dos Estados Unidos, após se reciclarem à base da doutrina americana... A recepção não se caracterizava por uma calorosa acolhida...

Nessa conjuntura, ressalta um fato ocorrido: o Comandante da Unidade reuniu seus oficiais numa Sala de Instrução, chamou um 1º Tenente chegado nas vésperas, que por sinal desconhecia inteiramente, e diz apresentando-o: "Meus senhores, o Tenente acaba de chegar dos Estados Unidos onde se aperfeiçoou na técnica americana, que teremos de empregar. A partir deste momento ele fica encarregado de nos transmitir todos os conhecimentos que adquiriu. Tenente, a palavra agora é sua". E munido de lápis e papel, sentou-se atento na sua carteira para o início da instrução.

A grandeza da humildade com que sempre agiu este CHEFE deve ter tocado a Deus, que proporcionou à sua Unidade um desempenho invejável em todas as operações de que participou. Seus comandados até hoje demonstram sentir um orgulho invulgar pelo fato de haverem sido seus subordinados. Com um CHEFE desse quilate ninguém poderia pensar em posar o "luminar": todos tratavam de cumprir suas tarefas com amor e, a cooperação, para os lados, para acima e para baixo era um fato! A unidade sempre funcionou sem atritos.

Finalmente reunira-se no Rio a 1ª DI Expedicionária: embarque esperado para qualquer momento, mas continuava nas Unidades a dança do Reacompletamento. Homens saem, homens chegam. Não havia a possibilidade de exercícios de envergadura: não se dispunha de material suficiente nem área adequada ao desdobra-

mento dos efetivos para testar no terreno a combinação das Armas no ataque, na defesa, a articulação com o apoio aéreo-tático... isso tudo ficaria para depois, talvez no destino final, ignorado pela tropa.



O Quartirão de TORRE DI NERONE visto da região dos observatórios de SOPRASSASSO (foto de 1974). A linha pontilhada indica o contorno das posições do Batalhão.

A 28 de junho de 1944, foi montado um "Exercício de Despistamento" na direção de CAMPO GRANDE, dele participando toda a 1ª DIE, no decurso do qual o Grupamento à base do 6º RI demandou o cais do porto e embarcou no transporte americano "General W. A. MANN" com destino à ITÁLIA. Seguiram somente os homens e suas bagagens.

O material deveria ser recebido no Teatro de Operações. Para os que ficaram, inicialmente ignorantes do destino dos companheiros, muita expectativa e especulação a respeito dos riscos da viagem, por causa dos submarinos e sobre quando chegaria a nossa vez.

Partindo a 22 de setembro de 1944 o 2º Escalão da FEB (à base dos 1º e 11º RI) chegou a NÁPOLES a 6 de outubro. Daí transportado em embarcações de desembarque foi para a região LIVORNO-PISA onde começou a receber o tão esperado material. E o treinamento que faltava? Ficou para depois... depois da guerra! Não teve a oportunidade de, pelo menos, realizar um exercício de ataque como o grupamento do 6º RI fez em 10 de setembro, três dias antes de ser engajado nas operações ao longo da costa do Tirreno na direção de CASTELNUOVO DI GARFAGNANA, pelo vale do rio SERCHIO.

Nos primeiros dias de novembro a carência de tropas no V Exército Americano impôs ao 4º C Ex a necessidade de lançar mão de toda a FEB no vale do rio RENO (afluente do rio PO) por onde a Rodovia nº 64, vindo de PISTOIA, demandava BOLONHA.

Sob o império da LAMA e do FRIO forte que chegava, cabia agora aos nossos homens, precariamente preparados, ainda bisonhos, enfrentar o inimigo veterano de 5 anos de guerra.

A frente de atuação, onde inicialmente iríamos cumprir uma missão de defensiva-agressiva, estendia-se por 15 km de terreno montanhoso, com grandes desníveis a nosso desfavor (100 a 200 metros em geral, mas até 600 metros em certas regiões). Os alemães haviam se estabelecido firmemente em uma posição ao longo de uma cadeia de montanhas M. BELVEDERE — M. CASTELO — SOPRASSASSO — CASTELNUOVO, poderíamos dizer, transversal à Rodovia nº 64.

Na crista de toda essa cadeia, recebêramos de herança dos americanos um único ponto: a TORRE DI NERONE. O Batalhão, cujo Quartelão defensivo englobava esse ponto, ocupava uma posição "sui-generis": o inimigo estava à sua frente, à direita, à esquerda, à retaguarda e, também, por cima, em vista dos desníveis existentes entre as nossas posições e as do inimigo, do feitio de cunha das nossas linhas e da presença dos observatórios alemães no SOPRASSASSO, espigão-penhasco que as montanhas lançavam adentrando nosso dispositivo.

O Batalhão, encarapitado nessa região, como que cercado, só encontrara local para o seu Posto de Comando em um velho casarão de pedra situado, talvez, a menos de 200 metros do "fox-hole" mais avançado da TORRE DI NERONE. O local tinha como vantagem dificultar o bombardeio de artilharia sobre ele, mas os morteiros o castigavam com seus tiros precisos dia e noite.

Pois bem, essa posição amplamente devassada, cujas linhas avançadas, em determinados pontos, eram tão coladas que se ouvia a conversa do inimigo, sofrendo as agruras da neve, sob temperaturas de 20 graus abaixo de zero e permanentemente ameaçada pela infiltração de patrulhas, essa posição foi sustentada por um dos nossos Batalhões por cerca de *100 dias, sem substituição*. Nossa Divisão "esticada" como estava, sem reservas, via-se impossibilitada de atender ao reclamo natural de proporcionar descanso a esses homens.

Assim aqueles "maus elementos", aqueles indesejáveis de outras unidades do Brasil, aqueles carentes de estado físico, souberam nessas circunstâncias se agigantar e dar uma demonstração inquestionável da grande capacidade da sofrida gente brasileira.

Nunca foi cedido ao inimigo um centímetro de terreno no Quartelão da TORRE DI NERONE.

A FEB, a par de defender uma frente de 15 km, recebia simultaneamente missões ofensivas importantes como ataques a posições fortificadas, amplamente dominantes e flanqueadas por potentes fogos vizinhos: era o caso dos ataques ao Monte Castelo, garupão antipático que vigiava a Rodovia nº 64 no vale do Limentra.

Os "pica-fumo" e os pracinhas, ou talvez, a maioria esmagadora da FEB ignoraram sempre que esses ataques, meio suicidas, visavam, principalmente, a aliviar a pressão alemã sobre as unidades do vizinho II C Ex, que operava no eixo FLORENÇA-BOLONHA.

Admitimos como inevitáveis muitas das faltas que podem ser apontadas nas montagens desses ataques, no entanto, seria impositivo atacar sempre com uma "colcha de retalhos" de batalhões ladeira acima? Ainda mais, era imperioso nunca haver tempo para os reconhecimentos e adequada reunião e montagem do dispositivo de ataque? Será que Escalão Superior era insensível a essas necessidades tão comensais? O fato do MONTE CASTELO ser atacado sempre por unidades heterogêneas não insinua o receio injustificado de que um dos Regimentos pudesse, de repente, ficar sozinho com as glórias de um possível sucesso?

Acompanhado por um de seus tenentes, o Comandante de uma unidade de apoio, em reconhecimento para um dos ataques ao MONTE CASTELO visita o Posto de Comando de um dos Batalhões no seu Quartirão. Seu Comandante, a certa altura, discretamente, puxa os visitantes para um canto e lhes confidencia, com lágrimas nos olhos: "Soube, verbalmente, que meu Batalhão participará, na próxima madrugada, do ataque em região fora do seu Quartirão. Nada me foi dito dos detalhes, até agora nenhuma ordem escrita chegou, não sei onde será a linha de partida, nada. Já estamos próximos do meio-dia e vocês sabem que às 16 horas começa a escurecer, não terei tempo de reconhecer nada..."

No dia seguinte esse Batalhão sangrou inutilmente nos acessos ao MONTE CASTELO...

Essa tônica era comum, tanto que os ataques iniciais apresentavam um número assustador de "baixas" até que começavam a aparecer as frações de tropa que haviam se perdido, algumas sem mesmo ter localizado sua linha de partida...

O episódio lamentável no qual um dos nossos Batalhões "despencou" de sua posição defensiva e veio ladeira abaixo foi maldosa, cáustica e injustamente gozado como "Laurindo desceu o morro" e chegou ao âmbito da Justiça Militar, contudo merece uma consideração especial:

- a Tropa fora organizada da maneira que vimos, seu treinamento paupérrimo como o de todas as outras unidades; lá deveriam estar homens que nunca haviam dado um tiro, verdes mesmo;
- um dia antes entrara em posição, pela primeira vez, vinda diretamente do Brasil, para substituir um Batalhão que saía de linha após um ataque fracassado ao MONTE CASTELO;
- o terreno montanhoso permitia ao inimigo, seu conhecedor profundo, infiltrar patrulhas, durante a noite gelada e logo vir a assustar nossos homens já sob o efeito de fogos intensos de artilharia e morteiros, e dar-lhes a sensação de que estavam cercados, principalmente quando os fios dos telefones foram cortados e, na certa, os rádios, inabilmente usados, não respondiam como seria de desejar;

- seria justo estranhar que os quadros, também inexperientes, não saibam ou não poderem "segurar" os seus homens?
- o próprio medo e o conseqüente pânico devem ser analisados: o medo é normal e o remédio é saber dominá-lo, graças ao treinamento, à confiança na capacidade própria, dos companheiros e dos chefes. Será que alguém nessa tropa tinha razões sólidas para confiar em alguém?
- os seus quadros também estavam recebendo seu "batismo de fogo". Não havia sido possível, até então, aparecer a ARISTOCRACIA DA BRAVURA que Caxias dizia que se formava *após* as primeiras batalhas. Dificilmente antes.
- Se analisarmos a fundo este mesmo episódio desagradável, veremos que, meio à confusão, os bravos despontaram, muita gente manteve posição e agiu sem sintomas de pânico e tentou resolver os graves problemas emergentes.
- Finalmente vale aqui lembrar que entre os homens assustados desse mesmo Batalhão, deveriam estar certamente três soldados: ARLINDO LÚCIO DA SILVA, GERALDO BAETA DA CRUZ e GERALDO RODRIGUES DE SOUZA que depois, já veteranos, lutaram em MONTESE e praticaram atos que fizeram com que os alemães que os presenciaram lhes dessem uma sepultura rasa encimada por uma inscrição: "DREI BRASILIANISCHE HELDEN" (Três heróis brasileiros).

Se alinharmos nossos erros e os nossos acertos, principalmente após o momento em que os nossos homens tiveram condições de se tornarem realmente soldados verdadeiros, veremos que o brasileiro não atravessou o ATLÂNTICO em vão. Na Itália ele reafirmou como um combatente capaz de ombrear com os melhores.